

Cacique Juruna:

"Sou a pessoa que mais incomoda hoje no Brasil"

Por Luis Carlos Cancellier

Como Sr. resolveu participar da vida política? Por que fazer política?

Juruna - Todos nós temos algo de político. Nós nascemos, aprendemos a nossa política. Tem política no serviço, tem político de paz e de bem. Mas também tem da Revolução. Não é porque eu entrei para o partido é que comecei a fazer política. A própria vida que a gente leva, aprendendo a fazer política, nos leva a tomar esta posição. Existe a língua, a boca, consciência, existe a cabeça. Se a gente não tivesse cabeça, não existiria o próprio conhecimento.

Todos nós vivemos com cabeça, pensamento e a mentalidade fica com a gente.

OE - Por que o Sr. escolheu o partido de Brizola?

Juruna - Olha, eu vou ser muito franco. Este partido não é de gente exibida. É um partido pobre e eu não aceitava estar inscrito em qualquer um deles. Então, eu nunca liderei uma comunidade indígena com tanto povo e tanta gente. Eu estava acostumado a liderar grupo pequeno. Eu fiz comparação da tribo, um grupo pequeno, com este partido.

Por isso entrei no partido do Brizola, para poder apoiá-lo, ajudar, pois eu acho que o partido

Este partido, em 1964, teve muita gente expulsado do Brasil. Com os índios acontece a mesma coisa. Por isto estou no PDT.

é obrigado a crescer e se promover. Agora, o PDT, sofreu muito, como os índios. Nós estávamos na terra da gente e sempre fomos expulsos. Este partido do Brizola também, em 64, muita gente foi presa e expulsado do País. Eu vou apoiar aquele partido que acostumou a roubar a terra da gente? Aquele partido que roubou a terra da gente? Não mesmo. Eu aceitei foi apoiar este partido, que não é comprometido com o capital estrangeiro. O partido do Brizola é brasileiro, é do povo e tem consciência.

OE - O Sr. acredita que a eleição de novembro vai representar a vontade do povo?

Juruna - Deve representar, porque este não é um favor que o Governo brasileiro faz, em dar eleição direta para o povo. Esta é uma obrigação do Governo, que deve apoiar a comunidade brasileira, com eleição, que vai representar mais ainda.

O Brasil não é nosso. Quem manda aqui é capital estrangeiro. De Brasil não tem nada. O estrangeiro explora o brasileiro.

Não precisa continuar com uma ditadura, que não pode deixar nada para outra pessoa mandar. Eu não quero isso. Eu quero que o povo busque sua inspiração, a fruta nova. Esta fruta do Governo está usada e apodrece. Então não presta mais. O jovem tem que assumir, dar uma fruta melhor para o povo.

OE - Quer dizer que o Governo não tem mais fruta nenhuma para dar?

Juruna - Eu acho que não. Parece que a cabeça esta seca, não tem fruta. Se o Governo tivesse alguma coisa boa, teria dado liberdade para o povo brasileiro. Se ele tivesse consciência, coração, e amasse seu País, o brasileiro seria outra pessoa. Já teria acontecido uma vida melhor.

Eu sofri com o povo brasileiro, passei miséria. Então eu não posso calar. A minha obrigação é falar, dizer, somar para tirar o pessoal corrupto, comprometido com o pessoal estrangeiro. Não

O Cacique Mário Juruna, da tribo Xavante, de Mato Grosso, é candidato a Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, sob a legenda do Partido Democrático Trabalhista, o partido do ex-Governador Leonel Brizola. Parece estranho o fato de um índio ingressar num partido político e em seguida candidatar-se a Deputado? Mário Juruna acha que não. Afinal, segundo ele, "todos nós temos algo de política e na própria vida que a gente leva aprende a fazer política". E foi para fazer política que o Cacique ingressou no PDT, um partido que, em sua opinião, se parece muito com as tribos indígenas: "Nós sempre fomos expulsos das nossas terras, e depois de 1964, o partido de Brizola também foi". E além disso, Mário Juruna acha que pode fazer muito mais pela comunidade indígena como Deputado do que como Cacique. Ele vai mais longe: não tem dúvida em afirmar que é a

pessoa que mais incomoda hoje no Brasil, tanto ao Governo Federal quanto aos fazendeiros. Mário Juruna, de 41 anos, acredita inclusive, e tem esperanças de um dia ver um índio ocupando a cadeira de Presidente da República. Na opinião do Cacique Xavante, os índios foram os primeiros a chegar no Brasil e por isso têm direito ao território. E se pergunta: para onde foram os índios brasileiros, que no início eram seis milhões e agora são 190 mil? Ele diz que o maior problema vivido hoje em dia pela comunidade indígena é a falta de demarcação das suas terras. E neste sentido, aponta o ex-presidente da Funai, João Nobre da Veiga como o principal responsável. Sobre o atual presidente, Paulo Real, ele diz que é uma pessoa preocupada em garantir as terras, e por isso tem todo o apoio dos índios.

Criticando brancos "sem palavras" e o capital estrangeiros "que tomou conta do Brasil", o Cacique Mário Juruna lastima: "o Brasil não é mais nosso, foi todo dominado pelo capital estrangeiro". Em certos momentos de sua vida, devido a ação em defesa de sua comunidade, ele chegou a ser caluniado e pensou em sair do País. Mas logo em seguida refletiu: "quem vai ganhar com a minha saída será o Governo Federal e os fazendeiros". Ai resolveu ficar e telefonou para Leonel Brizola, perguntando se ele o aceitava

em seu partido. Brizola concordou e Mário Juruna lançou-se candidato a Deputado Federal. Agora está em campanha. No último domingo, quando o PDT-SC realizou a sua pré-Convenção, na Assembléia Legislativa, uma das principais atrações era o Cacique Juruna. Jeito simples e sem vergonha de falar "um português errado", ele tomou o microfone e discorreu convictamente sobre a dívida externa brasileira, sobre o capital estrangeiro, sobre a política econômica de Delfim Netto, sobre a legislação eleitoral e sobre os problemas da comunidade indígena. Minutos antes concedeu esta entrevista.



Lourival Bento

se pode ficar mais em segredo. Não pode ficar quieto.

OE - O que o Sr. acha da abertura democrática e do Presidente Figueiredo?

Juruna - Este Presidente não é tanto ruim como os outros. Eu não sei, até hoje não conversei com ele. Mas ele apoiou e deixou liberdade para o povo brasileiro. A gente está falando aberto, não estamos escondendo nada. Neste ponto ele está apoiando. Mas, eu não gostei que o Presidente da República dá mais assistência para o partido dele. E por que acontece isso? Por que ele não

pode dar assistência para todos os partidos do Brasil?

Não adianta dar satisfação só para o partido dele, o PDS. Tem que dar para todos, tem que apoiar todos. Ele não é dono do Brasil, como pensa. Não é ele que manda no País. O Presidente tem que discutir e garantir eleição para todos. Não pode garantir só para o PDS. Isso é que eu gostaria de dizer para ele.

OE - De onde que o Sr. é? Poderia falar um pouco da sua tribo e da sua região?

Juruna - Eu sou índio do norte de Mato Grosso, sou Xavante, que vive, na região do Rio da Morte, na Serra do Roncador, que era nossa terra. Hoje nem ali o índio tem terra garantida para ele. Então, eu achei melhor entrar para o partido do Brizola, porque já é hora de relatar as coisas contra os corruptos, os criminosos e o pessoal que rouba a terra da gente.

Eu não acho melhor que o índio vá continuar como instrumento. O índio tem direito para assumir grande responsabilidade. Não existe gente melhor que índio. Ele é Brasil. Não foi o índio que entregou o País para o colonizador estrangeiro. E agora, o índio, que é o dono da casa, é tratado como visita. E

índio tem direito para assumir. Ele vai mandar, daqui há 15 gerações, não sei. Tenho esperança que um dia o índio vá assumir o Palácio da Presidência da República.

O índio tem direitos para assumir. Ele vai mandar um dia. Espero que o índio, um dia, assuma a Presidência da República.

OE - Quais os principais problemas que existem hoje no Brasil para a população indígena. Quantos índios permanecem vivos?

Juruna - Atualmente são 190 índios. No início eram seis milhões. Quem comeu esta diferença? Muita gente matou índio. Problemas dos índios já vêm de muito tempo. Eles não são de hoje. São problemas de demarcação das terras, até o ano passado vários chefes de comunidade foram assassinados pelos fazendeiros, até pouco eles matavam índios como se fosse formiga. Então a gente quer parar com isto, pois achamos que o índio deve ser respeitado.

Além do problema de demarcação da terra, existe o problema

da segurança. O índio não tem segurança da sua terra, não tem escritura, ninguém garante a terra para ele. E o índio é estrangeiro? Não, não é: Vem gente de fora para cá, vem espanhol, português e americano, e tem direito de ocupar a nossa terra. Por que nós não temos este direito?

OE - O Sr. entende que a Funai está desenvolvendo seu papel de emparo à população indígena?

Juruna - Agora, com a entrada do novo presidente, Paulo Real, parece que a Funai tem uma nova inspiração, de proteger o índio. O presidente anterior, Coronel João Nobre Veiga era péssimo, grosseiro, ruim, malcriado e estava dividindo todas as comunidades. Este que entrou agora parece que vai garantir a terra para o índio. Se este está procurando ajudar o índio a ter sua terra, o Presidente da República vai ter que aceitar o pedido do presidente da Funai.

Eu devo apoiar o presidente da Funai e todos os chefes de comunidade iremos apoiá-lo. O Paulo Real vem para cumprir o seu dever e sua obrigação, ouvindo os chefes da comunidade. Quero

aproveitar para fazer uma mensagem para todo o pessoal, para que apoiem e aceitem o presidente da Funai, pois ele não é ruim. Ele está demarcando as terras para o índio e nenhum Governo de Estado pode dizer que ele está roubando as terras dos fazendeiros.

O presidente da Funai veio para garantir a terra para o índio, porque índio não é empregado do Brasil. Ele já ocupou a terra antes do branco. Nós ocupamos a terra devoluta. E terra devoluta é de quem? Do Estado ou do índio? É claro que é do índio. Foi o branco que inventou o Estado, foi ele quem inventou o Incra, e não sei o que mais. Então o índio ocupou a terra sem escritura. A terra do índio é todo o Brasil.

OE - E a Igreja, ela está ajudando os índios?

Juruna - Olha, nunca tive contato bastante com a Igreja. Esta não é minha função. Eu não posso invadir o pensamento da Igreja sem saber, assim como ela também não pode. Dai eu tenho que ficar quieto.

OE - Voltando à questão do capital estrangeiro. O Sr. acha que este é o maior mal?

Juruna - Olha, o Brasil não é nosso. Quem tomou conta do Brasil foi o capital estrangeiro. Quem está aqui é menos brasileiro do que quem está chegando. O branco também foi muito explorado pelo capital estrangeiro. E nós, que somos índios, foi explorado também pelo brasileiro que está no Brasil.

Você vê a televisão e me responde: ela é brasileira? A Rede Globo e as outras são das empresas estrangeiras. As fábricas de automóvel, do Mercedes, do

Este Presidente não é tão ruim como os outros. Ele deixou liberdade para o povo. Mas ele dá muita assistência ao PDS.

Volks, isto não é brasileiro. Do Brasil não tem nada. Quem está explorando a vida do brasileiro é o estrangeiro. Por isso que eu lancei a minha candidatura, para poder dizer muita coisa de verdade. Eu preciso do índio, preciso do branco brasileiro, preciso do nosso povo.

OE - O Sr. é candidato a Deputado Federal pelo Rio de Janeiro. O que espera fazer?

Juruna - Como eu estava falando, eu vou incomodar muita gente, eu garanto minha palavra. Aquele brasileiro comprometido não vai ficar contente com a minha candidatura. Ele vai

apoiar o estrangeiro. Eles não podem perder o emprego e são puxa-sacos dos estrangeiros. Por isso eles não vão me apoiar.

OE - Porque o Sr. é candidato pelo Rio de Janeiro?

Juruna - Eu fico estranhando esta pergunta, que muita gente me faz. Para mim, é Brasil, é meu, do índio. Não tem nada de diferença entre qualquer Estado. Por qualquer um deles eu posso me candidatar. A Lei não impede nada, que o índio não possa se candidatar.

OE - O Sr. espera se eleger?

Juruna - Eu tenho esperança que vou me eleger, porque a minha palavra é uma só. Eu não sou como branco, que tem várias palavras e várias promessas, várias línguas, vários pensamentos. Eu quero dar bom exemplo. Vocês devem seguir o meu caminho, para lutar pela minha pátria.

Quem vai ser o primeiro deputado índio no Brasil vai ser Juruna, índio Xavante. E os índios vão votar no Juruna. Tem índio Tereno, em Campo Grande, que é candidato a Vereador. Tem mais índios que vão participar da eleição de 82.

OE - Porque o Sr. usava o gravador em todos os lugares que ia?

Juruna - Porque eu não acreditava e até hoje não acredito na palavra do branco. O gravador

Eu tenho esperança de me eleger. Tenho uma só palavra. O branco tem várias línguas, várias palavras e promessas

documenta tudo. Eu apresentava várias vezes as propostas, mas o branco fazia promessa e tirava o corpo fora. E por isso eu não usei mais gravador. Agora estou conversando ao vivo, porque me cansei de gravar várias vezes à toa. Ninguém cumpria mesmo a promessa. Todo mundo queria fazer gozação com o índio.

Ai eu deixei o gravador de lado, mandei para o Museu do índio, em Campo Grande. O gravador está aposentado e está estragado. Agora é só ao vivo.

OE - Quantos anos o Sr. tem?

Juruna - Tenho 41 anos e já fui chefe guerreiro e sou chefe de comunidade. Talvez agora, que sou candidato, tenho mais chances de lutar pelo índio do que quando era chefe de comunidade. Agora eu tenho mais capacidade de falar pelo índio. Na aldeia eu não tive oportunidade para fazer contatos com várias pessoas, porque a gente ficava preso. Mas mesmo assim eu fazia alguma coisa pela comunidade.

Agora, num partido e como político, eu me sinto muito mais chefe de comunidade.

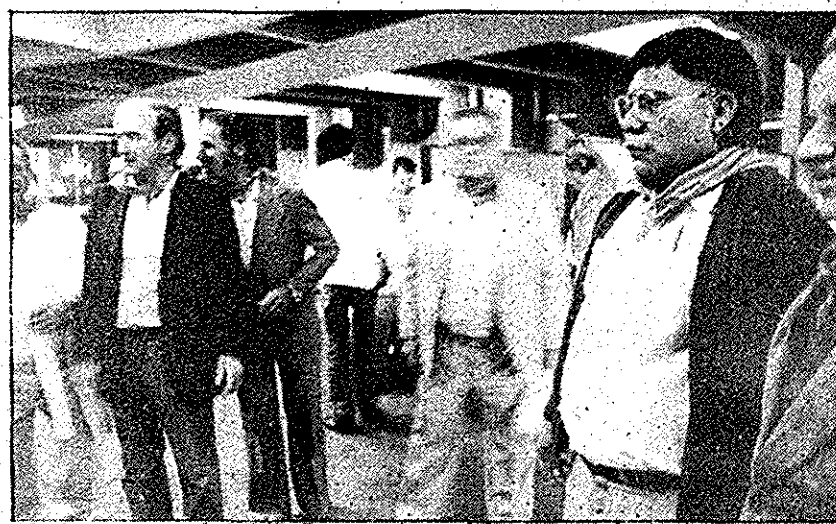
OE - O Sr. já está em campanha eleitoral? Como ela se desenvolve?

Juruna - Já sim, a campanha está boa. Eu vou vencer a eleição, estou muito confiante que não vou perder, não vou perder minha palavra. E mesmo que perder, vou continuar berrando aqui no Brasil.

OE - Quem convidou o Sr. para entrar no PDT?

Juruna - Eu estava sofrendo muita calúnia da Funai e do Governo. Eu até pensava em sair do País para brigar fora do Brasil, contra o Governo Federal. Ai eu pensei: se eu sair do Brasil, o Governo Federal vai ficar satisfeito. E muito fazendeiro também. Quem mais incomoda no Brasil é Juruna. Eu não posso sair. Eu vou entrar num Partido, pensei comigo.

Ai, eu liguei o telefone para o Brizola e perguntei se ele me aceitava no seu partido, que eu queria concorrer para a Câmara dos Deputados. Ele aceitou e eu entrei, no ano passado.



Na Convenção do PDT, Juruna foi um dos mais solicitados.



"Sou candidato e vou me eleger". O Cacique está confiante.